RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE AFETIVA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE LÉLIA GONZALEZ.

Aluna: Milena Pereira
Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

Em 1978 a PUC-Rio recebe no corpo docente do Departamento de Artes e posteriormente no Departamento de Ciências Sociais, a antropóloga, feminista negra e importante intelectual referência nos movimentos negros e de mulheres no Brasil, Lélia Gonzalez. Ao longo dos 16 anos em que esteve como professora da instituição e posteriormente como diretora do departamento, Lélia desempenhou diversas atividades paralelas a sua vida acadêmica. Foi professora de cultura negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, disputou por uma vaga a Deputada Federal, em 1982, pelo PT e algum tempo depois, em 1986 a deputada Estadual pelo PDT do Rio de Janeiro - em ambos os casos ficando como suplente. Atou como importante articuladora do Movimento Negro Unificado, introduzindo inclusive a questão de gênero para a discussão. Lélia escreveu ensaios, artigos e palestrou em vários países. Como não era adepta da escrita tradicional acadêmica, muitas de suas obras foram coletivas ou publicadas em jornais como o Mulherio – importante periódico feminista da década de 1980 no qual Lélia Gonzalez atuou como editora no período de 1981 a 1982. A autora buscava conjugar diversas lutas e atuações numa só. Considerava importante que os grupos marginalizados da sociedade produzissem seu próprio conhecimento. Por essas razões, será privilegiado no presente estudo parte da biografia da autora, sua participação e produção intelectual no Jornal Mulherio e o legado deixado por Lélia aos estudos das relações raciais e de gênero nas ciências sociais no Brasil.

O fascínio pela figura de Lélia Gonzalez iniciou-se por pesquisas pessoais sobre o feminismo negro no Brasil. Durante as leituras o nome de Lélia era mencionado com recorrência por diversos autores e pesquisadores das ciências sociais. Neste processo de aproximação descobri a atuação da autora enquanto professora dentro da PUC-Rio, tive a oportunidade de acessar seus artigos e entrevistas, o que desde então, tem me transformado enquanto estudante e mulher negra. Por esta e outras razões, com o intuito de preservar a memória e o legado de Lélia Gonzalez dentro e fora da PUC-Rio escolhi a autora como tema de pesquisa para este projeto.

A equipe é coordenada pela professora Margarida de Souza Neves e pelos pesquisadores Silvia Ilg Byington, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves. Integram ainda o grupo o fotógrafo Antônio Albuquerque, e os bolsistas de iniciação científica Matheus Lima Targuêta (fevereiro de 2016), Yasmin Getirana (fevereiro 2016), Rodrigo Lauriano Soares, Milena Pereira, Bruna da Silva e Silva, Caren Caroline Paulo Ferreira, Miguel Alexandre da Costa Azaldegui e André Mesquita Penna Firme.

No presente relatório encontra-se listada as atividades desenvolvidas pela bolsista Milena Pereira no período referente aos meses de fevereiro a julho de 2016. Organiza-se em duas seções: a primeira é composta por um Relatório Técnico, de traço descritivo, apresenta as ações coletivas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa do núcleo de

memória e as individuais realizadas por mim. A segunda seção corresponde ao Relatório Substantivo, no qual é apresentado um artigo que corresponde ao meu trabalho de pesquisa até o presente momento.

1. Relatório Técnico

Atividades em equipe

No período compreendido nesse relatório, o Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades em equipe:

01. Reuniões técnicas semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais metas elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos produzidos pela equipe, estabelecer procedimentos metodológicos comuns e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho;

02. Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

03. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

04. Produção do Anuário da PUC-Rio;

05. A equipe do Núcleo de Memória escreve uma coluna para toda a edição do Jornal da PUC, esse ano a temática é sobre os funcionários que completam 50 anos de trabalho na PUC, e cada bolsista em parceria com algum coordenador ficou encarregado de uma crônica;

06. Atendimento a solicitações relativas à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;

07. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

08. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

09. Realização de seminários teóricos internos com a participação dos componentes da equipe para discussão sobre conceitos de Memória. Esse ano, a equipe trabalhou com os seguintes objetos:

10. 10.2. Seminário teórico interno no qual a equipe debateu os dois primeiros capítulos do livro “O Sabor do Arquivo” de Arlette Farge e discutimos sobre como a autora mobiliza os registros de arquivos policiais da França no século XVIII de modo a transverberar esse contexto social. Ao revelar essas situações, Farge mostra ao leitor que os documentos arquivados são

como um conjunto de informações que permitem ao pesquisador descobrir novas histórias, crimes e costumes da sociedade da época. Através dessa abordagem, sua pesquisa no arquivo passa a ser interpretada como uma experiência encantadora, ao invés de ser retratada com uma vivência monótona.

11. Livro "Cidade das letras", de Ángel Rama; A equipe debateu questões elaboradas pelo autor sobre a construção dos símbolos e das cidades no contexto da colonização espanhola na América;

12. Seminário realizado pela professora Margarida de Souza Neves sobre conceitos de memória: Com o intuito de apresentar possíveis ferramentas teóricas para os projetos de PIBIC dos bolsistas e aprofundar o debate sobre a memória entre os membros do Núcleo, a professora introduziu distintos autores que versam sobre o tema, entre eles, Gilberto Velho, Pierre Nora, David Lowenthal, Tzevetan Todorov, Jacques Le Goff, Paolo Rossi e outros. Com um caráter mais expositivo, o seminário trouxe noções fundamentais sobre o assunto, e propôs relações entre elas. Entre distintas formas de se pensar a memória, influenciadas pelos múltiplos campos do conhecimento representados pelos autores, tivemos por exemplo, entendimentos que trazem a geografia como forma explanatória, como Lowenthal propõe ao falar do passado, transpassado pelos caminhos da história e memória, esta vista como "país estrangeiro" que deve ser explorada e descoberta. Ou também, através da antropologia, com Gilberto Velho analisando as relações orgânicas entre a memória, identidade e projeto, e como estas se constituíram com o advento das sociedades modernas individualistas. O ponto comum, que pode-se enxergar em meio a múltiplos saberes, é que memória é uma construção do presente, e que a consciência de seus usos e potenciais, é fundamental para que não se cometam abusos e não se limite as possibilidades do futuro. Contamos com a participação especial da mãe do bolsista André Penna-Firme.

13. Seminário realizado pelo bolsista André M. Penna-Firme sobre o artigo "Memória, identidade e projeto" do Gilberto Velho: Foi entendido que seria de auxílio à maioria dos bolsistas, que à altura do seminário estavam na reta final de escrita de seus relatórios, a discussão sobre os conceitos que Gilberto Velho relaciona em seu texto. O bolsista fez uma breve apresentação da estrutura do texto e como os conceitos são postos em jogo, para que em seguida fosse aberto um debate sobre estas categorias, tão complexas independente de o quanto nos relacionemos com elas todos os dias. A professora Margarida atentou para o caráter "não natural" da memória, e como essa *presentifica* o passado assim como os projetos trazem ao presente o futuro. Foi chamada atenção também para o cuidado ao se fazer a distinção entre a memória no mundo "moderno individualista", como diz Velho, e a mesma em sociedades tradicionais, holísticas, e que não se pode pensar nesta como "mais verdadeira" que aquela, a partir do momento que se entende que toda memória é construção de narrativa e escolha, mesmo inconsciente, daquilo que se lembra. Na discussão foi ressaltado que memória, como o presente do passado, projeto, como o presente do futuro e identidade se relacionam mutuamente e se

influenciam ao passo que são influenciados, e que os três, apesar de transportarem tempos e experiências, acontecem somente no presente.

14. O Núcleo de Memória produziu este ano um livro sobre a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, localizada no *campus* da PUC-Rio, e os bolsistas em parceria com os coordenadores se dividiram na produção dos capítulos;

15. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas.

16. Produção dos cartazes com a linha do tempo produzida pelo Núcleo de Memória para serem apresentados na comemoração de 10 anos do mesmo, bem como a publicação do memorial do professor Luiz Fernando Gomes Soares com introdução da professora Margarida de Souza Neves.

Atividades individuais realizadas por Milena Pereira

No período entre fevereiro de 2016 a julho de 2016, realizei as tarefas abaixo listadas:

01. Participação na oficina de metadados;
02. Participação na oficina de digitalização de documentos.
03. Participação como ouvinte nas seguintes palestras:

1. *O encarceramento feminino* – Evento organizado pelo Departamento de direitos humanos, saúde e diversidade cultural, Dihis. FIOCRUZ. No dia 19/04/2016.

Palestrantes:
Kenarik Boujikian (Desembargadora do Tribunal de Justiça de SP / Membro da Associação Juízes para Democracia)
Leonardo Isaac Yarochewsky (Professor de Direito Penal da PUC Minas/ Membro do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária)

2. *História, Educação e Terras indígenas*. Palestra organizada pelo Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio e Centro Acadêmico Lélia Gonzalez, no dia 28/04/2016.

Palestrantes:
Ana Paula da Silva (Doutora pelo PPGMS-UNIRIO)
Sandra Benites (Guarani Ñandeva e mestranda do PPGAS-MN/UFRJ)

3. *Mulheres negras no cinema: Ruth de Souza – 70 anos na arte de interpretar.* Palestra e exibição de filme organizada pelo Cine Joia Copacabana, no dia 16/05/2016.

Palestrantes:
Joel Zito (Cineasta, pesquisador e escritor).

Ruth de Souza (atriz)

4. *Conferência Funk no MAR: a mulher no funk carioca.* Palestra organizada pelo Rio Parada Funk e realizada no MAR (Museu de Arte do Rio), no dia 25/05/2016.

Palestrantes:
Adriana Facina (Antropóloga e pesquisadora do Museu Nacional, UFRJ).
Carla Mattos (pesquisadora e ativista da Favela da Maré)
Deize Tigrona (artista e cantora de funk)

5. *Seminário: Interculturalidade, Educação e Cidadania* - comemoração aos 20 anos do GECEC. Evento organizado pelo Departamento de Educação da PUC-Rio.

Palestrantes:
Vera Maria Candau (PUC-Rio)
Marcelo Andrade (PUC-Rio)
Fidel Tubino (PUC-Peru)
Ana Ivenicki (UFRJ)
Marcelo Sorrentino (PUC-Rio)
Maria Teresa Esteban (UFF)

6. *Apropriação Cultural.* Evento organizado pelo Norte Comum e realizado no SESC Tijuca, no dia 04/06/2016.

Palestrantes:
Djamila Ribeiro (Colunista da Carta Capital, feminista negra e mestre em Filosofia Política na USP).
Conceição Evaristo (Doutora em literatura na PUC-Rio, poeta e escritora).

7. Mitologia Afro-brasileira. Palestra organizada pelo Instituto dos Pretos Novos (IPN) e realizada no MAR (Museu de Arte do Rio), no dia 15/07/2016.

Palestrante:
JD Lucas (mitólogo, escritor e pesquisador).

04. Palestras que participei na organização pelo Coletivo Nuvem Negra e que auxiliaram no percurso da pesquisa :

1. *Racismo no Ensino Superior e a Colonização do Pensamento: Discussões sobre a Lei 10.639/03* --- Evento organizado pelo Coletivo Nuvem Negra, no dia 14/04/2013.

Palestrantes:

Amauri M. Pereira (Doutor em Ciências Sociais, professor do IE-DTPE-UFRRJ)
Otair Fernandes (Coord. do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas-Leafro/UFRRJ)
Sandra Marcelino (Doutoranda do Dep. de Educação PUC-RIO)

2. *Mulher negra na contemporaneidade.* Com exibição do filme "Libertem Angela Davis" -- Evento organizado pelo Coletivo Nuvem Negra, no dia 12/05/2016.

Palestrante:
Thula Pires (Professora do Departamento Direito PUC-Rio)

3. *Línguas Desatadas: afetividade negra na homossexualidade.* Com exibição do filme "Tongues Untied" – Evento organizado pelo Coletivo Nuvem Negra, no dia 19/05/2016.

Palestrantes:
Ezio Rosa (escritor e ativista do Movimento Negro)
Ludmilla Lis (Professora de Literatura e militante da causa negra e LGBT)

05. Produção da crônica para o Jornal da PUC escrita por mim e Clóvis Gorgônio.

Antônio, Fotógrafo

Série Crônicas de Memória – 250 anos de PUC-Rio

Antônio Albuquerque registra a Universidade em todas as suas escalas. 2010.
Fotógrafo Weiler Filho. Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Todos que passaram pelo *campus* nos últimos 50 anos já atravessaram os passos de Antônio Albuquerque. De personalidade cativante e atenciosa, presenciou boa parte da construção do que hoje conhecemos como a PUC-Rio e rememora com detalhes cada fase. Relembra com orgulho seu primeiro dia de trabalho como auxiliar de biblioteca, em 1966. Veio de Recife morar com um tio, e chegou à Universidade quando a Biblioteca mudava de uma pequena casa para novas instalações na Ala Kennedy.

Com o primeiro salário comprou uma máquina fotográfica Kodak Rio 400. Começou a registrar eventos na Biblioteca e frequentou como ouvinte aulas de fotografia no curso de Comunicação. Trabalhou em laboratórios de Letras e Comunicação Social, e no setor de Segurança e Parqueamento. Em 2008, o Núcleo de Memória convidou-o a colaborar com seu conhecimento sobre a PUC-Rio para a montagem e identificação do acervo, formado em grande parte por fotos de sua autoria.

Por suas lentes nossa memória é registrada. Fotografou casamentos, batizados, construções, eventos acadêmicos, e personalidades, lembradas por ele com orgulho: Papa João Paulo II, Umberto Eco, Clarice Lispector.
Considera que a vivência na Universidade contribuiu para sua formação: “Nesse tempo todo você absorve uma cultura. É uma energia sempre em mutação. Quando você vê os jovens entrando aqui na Universidade, e quando os vê recebendo o diploma, essa transição é absorvida também por quem está próximo”.
Antônio casou-se e batizou seus filhos na capela da Universidade: “Quando meus filhos passaram no vestibular aqui, foi uma alegria muito grande”.

Hoje, sente-se feliz por voltar a trabalhar intensamente com fotografia: “Muitos disseram para eu jogar fora meus negativos antigos, que eles já haviam servido ao seu propósito, mas eu relutava. A preservação desse material foi e é uma imensa satisfação.” E, para a PUC-Rio, é um patrimônio.

Clóvis Gorgônio
Milena Pereira
Núcleo de Memória da PUC-Rio

06. Produção de um dos capítulos para o livro sobre a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, escrito por mim em parceria com a professora Margarida de Souza Neves.

07. Outras atividades:

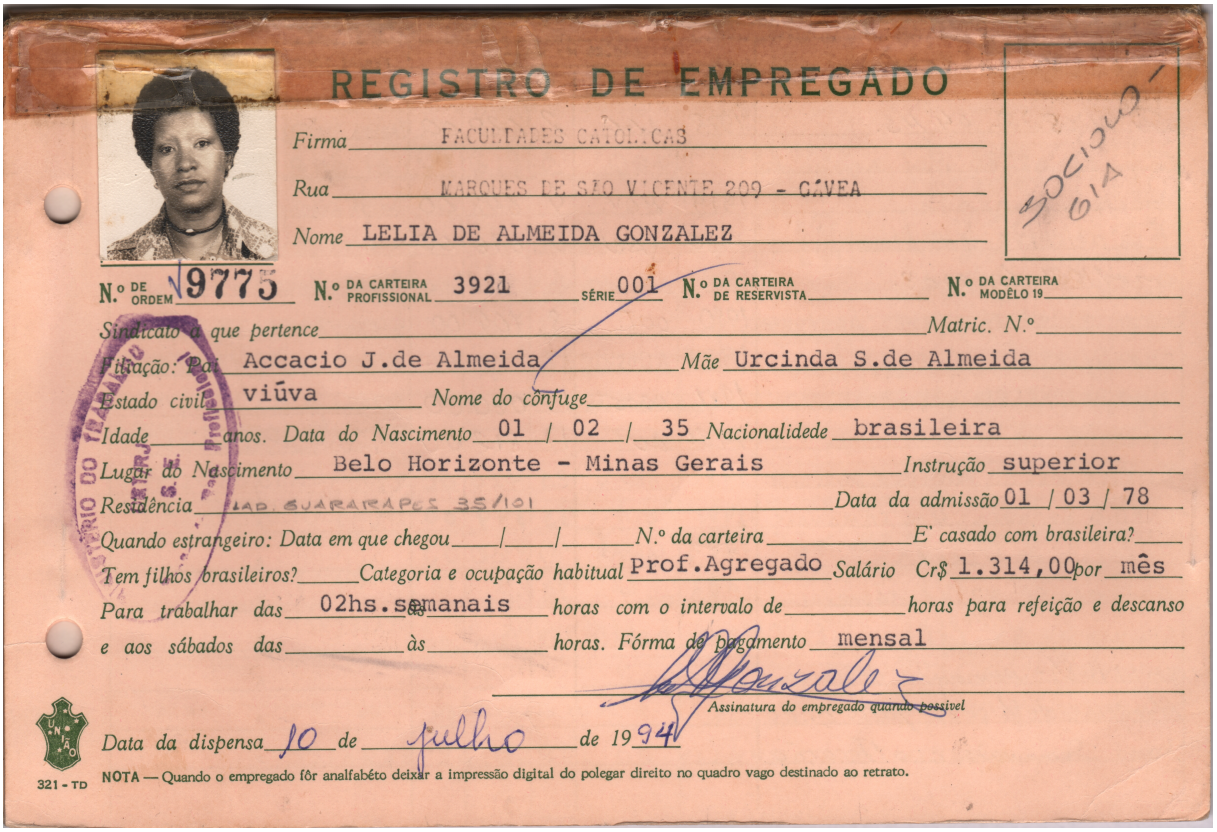
07.1. Pesquisa no acervo digital do Núcleo de Memória para levantamento de informações referentes ao período em que Lélia Gonzalez esteve vinculada à instituição como professora e diretora do Departamento de Ciências Sociais;

07.2. Pesquisa no arquivo morto do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio com a parceria da secretária de graduação Mônica Gomes (em andamento);

07.3. Leitura dos seguintes livros e artigos para o embasamento teórico da pesquisa:

07.1. FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas;
07.2. RATTS, Alex & RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez;
07.3. VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto;
07.4. GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade.
07.5. GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”.
07.6. GONZALEZ, Lélia. Entrevista Lélia Gonzalez. Jornal MNU
07.7. BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez.

08. Busca por documentação de contratação da professora Lélia Gonzalez nos arquivos do RH da PUC-Rio.



REGISTRO DE EMPREGADO

Firma FACULDADES CATÓLICAS

Rua MARQUES DE SÃO VICENTE 209 - GÁVEA

Nome LELIA DE ALMEIDA GONZALEZ

SOCIOLO-GIA

N.º DE ORDEM 9775 N.º DA CARTEIRA PROFISSIONAL 3921 SÉRIE 001 N.º DA CARTEIRA DE RESERVISTA N.º DA CARTEIRA MODÊLO 19

Sindicato a que pertence Matric. N.º

Filiação: Pai Accacio J.de Almeida Mãe Urcinda S.de Almeida

Estado civil viúva Nome do cônjuge

Idade anos. Data do Nascimento 01 / 02 / 35 Nacionalidade brasileira

Lugar do Nascimento Belo Horizonte - Minas Gerais Instrução superior

Residência Data da admissão 01 / 03 / 78

Quando estrangeiro: Data em que chegou / / N.º da carteira E' casado com brasileira?

Tem filhos brasileiros? Categoria e ocupação habitual Prof.Agregado Salário Cr$ 1.314,00 por mês

Para trabalhar das 02hs.semanais horas com o intervalo de horas para refeição e descanso

e aos sábados das às horas. Fórma de pagamento mensal

Assinatura do empregado quando possível

Data da dispensa 10 de julho de 1994

321 - TD

NOTA — Quando o empregado fôr analfabéto deixar a impressão digital do polegar direito no quadro vago destinado ao retrato.

10. Pesquisa ao acervo digitalizado do Jornal Mulherio mantido e atualizado pela organização privada – Fundação Carlos Chagas;

11. Pesquisa ao acervo digital da Biblioteca Nacional;

11.1. Pesquisa ao acervo digital do Projeto de Memória Lélia Gonzalez, mantido e atualizado pela REDEH – Rede de Desenvolvimento Humano;

12. Os seminários, leituras e as considerações realizadas de maneira conjunta nas reuniões do Núcleo de Memória possibilitaram ao avanço de cada semana uma melhor compreensão do recorte do tema da pesquisa.

13. **Revisão da Catalogação e organização do acervo relativo à história da PUC-Rio contidos nos armários (vitrines) da sala da Reitoria.**

Como a ação do Núcleo de Memória se estende a materiais documentais de naturezas distintas, coube a mim a continuidade da revisão dos objetos e da listagem de documentação museográfica contida nas vitrines do corredor de entrada da Reitoria e da sala do Conselho Universitário, levantando, descrevendo, registrando e catalogando, esse material (prêmios, medalhas, moedas, objetos com o logo da PUC-Rio, entre outros objetos). Revisei e reorganizei a listagem dos objetos com suas especificações, descrição e localização e registrei com a ajuda do fotógrafo Antônio Albuquerque a disposição atual dos objetos.

14. **Preparação para o PIBIC 2016.**

As atividades relativas ao projeto também implicam em pesquisas no acervo do Núcleo de Memória que permitam operar com os conceitos teóricos de Memória, Identidade, História e Documento.

Tendo como objetivo a Jornada PIBIC 2016, detive-me na leitura e fichamento dos artigos de Lélia Gonzalez que dialogassem com o recorte do atual projeto e na análise dos documentos contidos no acervo do RH da instituição referente ao período em que a professora esteve vinculada a instituição. Além de ler artigos e capítulos de livros que estão registrados, no Relatório Substantivo, e que tratam do tema trabalhado. Também em função do PIBIC 2016 prepararemos um pôster que será apresentado na Jornada. A partir das orientações recebidas em reunião, da análise e das leituras realizadas no período deste relatório, o Relatório Substantivo abaixo foi construído.

2. Relatório Substantivo

LÉLIA GONZALEZ, A MULHER QUE SABIA PRETUGUÊS.

Aluna: Milena Pereira
Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

Lélia de Almeida Gonzalez (1935-1994) foi uma importante intelectual e feminista negra brasileira e referência nos movimentos negros e de mulheres no Brasil. Professora e diretora do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio nos anos de 1980, Lélia também participou ativamente da luta política pela redemocratização do país. Parte da discussão de suas obras enfatiza teorizações acerca da inserção das mulheres e homens negros na sociedade, com destaque para o debate a respeito das experiências dos mesmos contra o racismo, a desigualdade e a invisibilidade social.

Sala de aula da PUC-Rio, 1987. Acervo Núcleo de Memória

Lélia também desempenhou um importante papel dentro do movimento feminista no Brasil ao questiona seus alicerces tão sedimentados no movimento de mulheres europeu e norte-americano, que excluíam, dessa maneira, em seu programa de ação mulheres negras e indígenas. Influenciada pelas ideias do pensador Frantz Fanon [1], a autora defendeu a descolonização do pensamento e do movimento feminista nacional e com isso a fundação de um "Feminismo Afrolatinoamericano", expressão empregada pela própria autora [2].

Escolher pesquisar sobre Lélia Gonzalez está para além da tentativa de resgate de sua memória, pois essa importante intelectual e militante fez parte de uma entrega coletiva de legitimação intelectual protagonizada pelo movimento negro unificado no Brasil. Sua atuação nos movimentos sociais e simultaneamente na academia nos evidencia tamanha inquietação de mudança que Lélia Gonzalez abarcava dentro de si. Como Lélia mesmo evidenciava em entrevistas e textos, apenas trabalhar com teorias não era suficiente, era preciso também operá-las para transformação do mundo real. Contudo, ter acesso a história de uma mulher negra no Brasil, ainda nos apresenta uma delicada situação, pois avalio no decorrer do processo os contornos silenciosos e vazios das lacunas de sua história dentro e fora da instituição PUC-Rio.

A primeira etapa da pesquisa terá como recorte a atuação de Lélia dentro da universidade e no Jornal Mulherio, periódico feminista no qual Lélia atuou como articulista e membro da Comissão Editorial, entre os anos de 1981 e 1984. Buscando assim, compreender a relevância de seu legado conceitual para os estudos contemporâneos sobre as relações raciais e de gênero no Brasil.

Transição: de Lélia de Almeida a Lélia Gonzalez

Filha de um operário e de uma empregada doméstica, Lélia de Almeida nasceu na cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais, no dia 1º de fevereiro de 1935.

O sobrenome Gonzalez, com o qual se tornou conhecida no âmbito da militância e da produção acadêmica, é fruto do casamento com o espanhol Luiz Carlos Gonzalez nos anos de 1960 [3]. Aos oito anos de idade, Lélia desloca-se da capital mineira com toda a família em direção ao Rio de Janeiro, onde permaneceu até o fim de sua vida, em julho de 1994. Como ocorre a uma parcela considerável da população negra do sexo feminino até os dias atuais, Lélia passou pelo emprego doméstico, conforme relatou em uma entrevista concedida ao jornal *O Pasquim*, no ano de 1986:

> Quando criança, eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa [4].

Apesar das dificuldades financeiras e familiares, Lélia concluiu o ensino médio em 1954, no colégio público Pedro II, tradicional escola carioca. Nos quatro anos seguintes, gradua-se em História e Geografia (1958) na então Universidade do Estado da Guanabara – hoje conhecida como UERJ - e logo em seguida, em 1962, torna-se filósofa pela mesma instituição. Formada, passa a lecionar em escolas e posteriormente em universidades de reconhecido prestígio do Rio de Janeiro, como a PUC-Rio - instituição que permanece por 16 anos no corpo docente [5]. Também em meados de 1960, Lélia exerce a função de tradutora de livros em francês de Filosofia e Psicanálise para o português. O trabalho acadêmico permitiu a ascensão social de Lélia Gonzalez: de babá e empregada doméstica na infância e adolescência passa para a profissão de professora universitária, alcançando assim a condição de negra de classe média, fato raro na década de 1970 no Brasil.

Autora de dois livros, *Lugar de negro* [6], de 1982 (em coautoria com Carlos Hasenbalg) e *Festas Populares no Brasil* [7], publicado em 1987, Lélia Gonzalez foi responsável por um momento representativo na história da população negra no Brasil: ao lado de outros militantes, fundou o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR, sigla mais tarde reduzida para MNU), em 1978, entidade que denunciou a falácia do mito da democracia racial e reivindicou o fim da violência e da discriminação sofrida pelos negros cotidianamente, além de exigir políticas públicas e igualdade de participação para a população negra no Brasil. De acordo com a intelectual, Cláudia Pons Cardoso, Lélia Gonzalez foi pioneira ao questionar o feminismo, cujas bases são calcadas no movimento de mulheres europeu, excluindo, dessa forma, em suas plataformas de ação mulheres negras e indígenas [8]. Influenciada pelas ideias de Frantz Fanon [9], Lélia defendia a descolonização do movimento feminista nacional e consequentemente a fundação de um "Feminismo Afrolatinoamericano", expressão cunhada pela própria autora. Lélia faleceu no dia 10 de julho do ano de 1994 na cidade do Rio de Janeiro, em decorrência de problemas cardíacos. Nos seus intensos 59 anos de vida, a autora conseguiu imprimir novas questões e cores na imprensa brasileira através de sua importante atuação no jornal feminista Mulherio [10].

Falar e escrever Pretuguês.

A produção acadêmica de Lélia Gonzalez se deu dentro e fora da academia de maneira intensa. Nas pesquisas podemos notar que se intensificou entre os anos de 1977 à 1988. Seus principais livros foram Lugar de Negro [11], escrito em parceria com Carlos Hasenbalg e Festas Populares no Brasil [12]. Além destes, Lélia também publicou em diversos jornais, revistas e publicações acadêmicas. Com o passar dos anos Lélia tornou-se uma referência nos estudos de raça e gênero no Brasil e surge a partir deste reconhecimento, a transformação pessoal e na escrita da autora: a liberdade de recriar e ressignificar a expressão escrita de uma pesquisadora e professora universitária que não se conformava com os padrões formais estabelecidos [13].

Lélia Gonzalez passou a adotar como estilo e posicionamento político palavras e expressões populares - algumas de origens africanas e gírias usadas pelas camadas populares - , passou a empregar o pretoguês - terminologia que segundo ela era utilizada pelos africanos. Uso defendido e explicado por ela da seguinte maneira:

> Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria a gente não é, tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português é pretoguês [14].

A autora, por vezes, mistura, enreda o português com elementos linguísticos africanos, em uma tentativa política de evidenciar o preconceito racial existente na definição da língua materna brasileira - situação esta alimentadora do racismo linguístico e racial do colonizador com o colonizado não somente no Brasil, como também, nos países africanos. Como resultado do enredamento, define a autora:

> Aquilo que chamo de 'pretoguês' nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil. É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando dizemos que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexiste. Afinal quem é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não percebem que estão falando pretoguês [15].

Lélia Gonzalez era uma conhecedora da língua portuguesa formal e também da oralidade de alguns países da África, que envolve não apenas suas tradições, mas principalmente o respeito pela maneira de falar dos nativos. A autora foi capaz de unir de maneira respeitosa a escrita literária à tradição dos contos orais africanos. Também foi capaz de transformar em produção artística a linguagem falada pelo homem do povo, consequência do encontro de culturas.

Dessa maneira, Lélia incorporava gíria e dialeto ao seu discurso no intuito de incorporar no falar as expressões usadas pelos mais diversos públicos. Usava e abusava da economia linguística em seus artigos: *pra* ao invés de para; *tava* ao invés de estava; *tamos* ao invés de estamos; *cumé* ao invés de como é. Encontra-se muitas gírias usadas pelos jovens da

época como: *papo* (conversar), *sacar* (compreender), *mancada* (falta), *lance* (situação) [16]. É importante ressaltar que não era recomendado que uma acadêmica de renome se expressasse dessa maneira como Lélia fazia em entrevistas e publicações.

Lélia tinha uma grande preocupação de comunicar com todos os públicos e ser compreendida. É visível também a irreverência da autora diante de acadêmicos, políticos ou jornalistas. Contudo também existem artigos publicados em jornais em que ela, fazendo uso de um linguajar mais coloquial, deixou evidente o intuito de se comunicar com um público mais variado - reflexo de sua intensa experiência de contato popular no coletivo de mulheres negras na baixada fluminense, o Nzinga, e com as lideranças comunitárias durante suas campanhas partidárias [17].

Nas entrevistas e textos publicados entre os anos de 1991 à 1994, Lélia Gonzalez fez pouco uso da linguagem coloquial. Esse período corresponde a fase em que ela estava mais reflexiva, o que não significa que estivesse desistindo de seus posicionamentos. Muito pelo contrário, a professora, ativista e intelectual seguiu sendo notada e admirada por seus leitores e ouvintes, passando a representar como exemplo da voz feminina negra dentro e fora do ambiente acadêmico.

Defesa do pluralismo no feminismo dentro do Movimento Negro.

A criação de núcleos e coletivos femininos negro com a finalidade de pautar as questões de gênero e raça ocorreu no interior do movimento negro no final dos anos 1970. Eram recorrentes queixas compartilhadas entre as militantes que sentiam-se desconfortáveis com os comportamentos machistas de seus companheiros de militância. Nos encontros e reuniões, os homens agiam de maneira autoritária, silenciando o protagonismo e as vozes das mulheres. E acabavam por dominar as estruturas decisórias dentro do movimento negro. Com isso, as mulheres negras eram oprimidas e tinham subtraído o direito a ter direitos dentro da militância - pois no espaço do trabalho, da escola e da casa isso já era negado historicamente.

Dentro do movimento negro foram poucas as militantes com ensino superior neste período a alcançarem uma posição econômica condizente com sua formação. Em se tratando das ativistas casadas, a jornada de trabalho tornava-se mais extensa, pois também era preciso cuidar da casa e dos filhos.

Lélia criou junto de sua irmã, o sobrinho Rubens, mas não era casada e nem tinha filhos biológicos quando assumiu importantes posições dentro do movimento negro. Contudo, dentro do movimento, Lélia era uma das mulheres mais velhas do grupo e tinha um currículo profissional de prestígio. O que conferia a ela respeito e admiração pelas demais militantes - e logo assumiu uma posição de autoridade e confiança.

Dessa forma, mesmo sem ter atuado nas primeiras reuniões das mulheres negras do movimento negro carioca, que aconteceram na Cândido Mendes por volta de 1973 e 1974 [18], Lélia foi recebida pelas ativistas com grande consideração e respeito. Assim que tomou conhecimento da organização e das reuniões femininas, tratou de registrar a luta dessas mulheres em seus escritos e entrevistas, escrevendo, inclusive sobre o processo de construção dos coletivos:

> Todas nós, sem jamais termos nos distanciado do movimento negro, continuamos a discutir as nossas questões específicas junto aos nossos companheiros, que muitas vezes nos tentam excluir dos níveis de decisões, delegando tarefas mais "femininas". Desnecessário dizer que o movimento negro não deixava (e nem deixou ainda) de reproduzir práticas originárias mistas, sobretudo no que diz respeito ao sexismo [19].

A partir dessas reflexões e articulações femininas, surgiu a necessidade de construir um grupo que fosse autônomo, fora das dependências masculinas do movimento negro. Dessa forma, foi criado, então, em 16 de junho de 1983, na sede da Associação do Morro dos Cabritos, zona oeste do Rio de Janeiro, o Nzinga Coletivo de Mulheres [20], do qual Lélia Gonzalez foi a primeira coordenadora.

A motivação para a escolha do coletivo é uma referência à rainha africana e sua luta para enfrentar o poder colonial em Angola. Contudo as representações simbólicas não terminavam na nomenclatura. As cores adotadas pelo movimento tinham relação com os mitos afro-brasileiros e representavam o movimento feminista. Tal junção se expressou nas cores escolhidas para representar a identidade visual do coletivo Nzinga: o amarelo de Oxum e o roxo do movimento internacional de mulheres. O coletivo se fez representar por um pássaro, pois segundo Lélia Gonzalez, significava a ancestralidade feminina de tradição nagô [21].

O principal intuito do coletivo era trabalhar com mulheres negras das camadas populares, por esta razão, a escolha do espaço onde desenvolveria suas atividades. Os movimentos sociais negros e feministas daquela época perceberam a importância de se aproximarem cada vez mais das camadas menos favorecidas da sociedade, em particular as bases populares em que a mobilização coletiva se mostrava viável.

Um apoio importante para a estruturação do coletivo e formação das mulheres foi o diverso agrupamento político de diferentes classes e posições sociais (moradoras do morro e de bairros de classe média, trabalhadoras manuais com baixa escolaridade e mulheres com formação universitária trocavam experiências entre si na formação deste espaço). A então vereadora Benedita da Silva, foi uma importante figura neste processo, pois possibilitou os recursos necessários para a realização de eventos e encontros de mulheres negras, com especial destaque para os Seminários de Mulheres de Favela e Periferia, que marcaram também o aparecimento do Coletivo de Mulheres de Favelas e Periferia [22].

A criação e a vivência dentro do coletivo Nzinga foi muito significativa, pois buscou desenvolver por intermédio das vivências e das trocas, o entendimento das categorias de raça, gênero e classe. Benedita da Silva, que esteve intimamente vinculada com o coletivo, fez o seguinte comentário sobre as demandas das mulheres e ao feminismo negro:

> A grande discussão do momento era "meu corpo me pertence". E o corpo da mulher negra da comunidade era um corpo que tinha que ir para a fila pegar água de madrugada. Algumas pegavam lenha e outras o gás, que acabava. Outra tinha o quarto em casa. O quarto era tudo para ela: era a sala, a cozinha e o banheiro. E aquelas violências domésticas que aconteciam. Também as coisas que pensavam da vida de uma mulher negra, naquele momento era fundamental a discussão, e essa mulher se queixava de muita coisa. Essa mulher tinha outras coisas, tinha a escola que não tinha vaga para o filho dela [23].

Para uma intelectual como Lélia Gonzalez que buscava dialogar com diversos espaços - tanto acadêmico como da militância -, era preciso intervenções no âmbito social e prático, na qual se pudessem operá-los numa experiência de transformação das micro ações do cotidiano. Lélia foi uma das autoras que mais discutiu a exploração e subordinação a que as mulheres negras eram submetidas, destinando boa parte de sua vida intelectual e política a construir teorias e pensamentos críticos que problematizassem o contexto de raça, gênero e classe.

O reconhecimento da importância de Lélia Gonzalez na construção de um discurso acerca das especificidades da mulher negra na sociedade brasileira é ainda hoje reforçado por intelectuais contemporâneos. Ativistas e intelectuais que posteriormente formaram coletivos e organizações de mulheres negras reforçam os conceitos de Lélia, como no caso da intelectual Sueli Carneiro:

> Lélia Gonzalez organizou o que faltava, ela organizou um sentido de uma experiência única de ser mulher, ela decodificou a especificidade dessa identidade e como isso era um eixo político próprio, único, que não podia ser dissolvido, fosse na questão racial conduzida pelos homens, naquele momento, fosse na questão de gênero, do ponto de vista da mulher, conduzida pelas mulheres brancas [24].

As questões levantadas por Sueli Carneiro nos revela, de forma mais abrangente, o significado do discurso de Lélia Gonzalez e a força de sua crítica, que ultrapassavam as questões do movimento negro e as esferas de atuação do feminismo brasileiro daquele período.

O contato de Lélia com o movimento feminista se intensificou no início da década de 1980, ocasião em que integrou o conselho editorial do jornal Mulherio - periódico de mulheres intelectuais que circulou durante quase toda a década de 1980 [25]. Era debatido nos textos da publicação a importância da ampliação da consciência de gênero e o combate do machismo na sociedade brasileira. Dentro desse ambiente cultural, Lélia Gonzalez problematizou a questão da mulher negra como categoria dotada de especificidades na luta contra a desigualdade sociais entre os sexos, tema que ela conseguia estender a todos os outros debates feministas.

Os artigos de Lélia Gonzalez dentro do jornal se diferenciavam por abordar também a questão racial, pois a autora compreendia a diferenciação no tratamento em relação a mulher negra e como ela sofria duplamente, pois abarcava em si duas condições: por ser mulher e negra. Para Lélia, "os efeitos das desigualdades raciais são muito mais contundentes que os da desigualdade sexual" [26]. Dessa forma, o feminismo precisava ampliar seu campo de compreensão, ou seja, precisava compreender que a questão racial também constituía um forte elemento de exclusão.

Segundo Lélia Gonzalez, as mulheres negras formavam a base de uma hierarquia racial, pois existem diferenças comprovadas em pesquisas como o (Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 1976), que revelavam as diferenças entre mulheres e homens brancos eram menores do que as diferenças entre mulheres brancas e negras [27]. Sua reflexão se dava para além das distâncias socioeconômicas entre mulheres negras e brancas. Lélia alertava para o fato do processo de construção do nosso feminismo brasileiro retroalimentar a opressão feminina negra. Ou seja, a liberdade de mulheres brancas estava

ligada a exploração de raça de outras mulheres que não tinham ao seu dispor os mesmos privilégios sociais.

As Vozes do Mulherio

De acordo com a tendência da imprensa feminista da década de 1980, o jornal Mulherio nasce por intermédio do financiamento da Fundação Ford e tem como sede a Fundação Carlos Chagas, na capital paulista. Havia um núcleo de pesquisadoras sobre a condição feminina brasileira dentro da FCC. O jornal surge e desenha-se com a finalidade de ser um canal de comunicação entre os trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa e de outras instituições que se dedicavam às questões de gênero no Brasil [28].

Nos textos e artigos publicados no jornal Mulherio, eram debatidos temas considerados tabus para a época, como a legalização do aborto, inserção feminina no mercado de trabalho, métodos contraceptivos e o participação política, especialmente em cargos eletivos. A defesa dos direitos da mulher e as condições de trabalho também eram temas diversas vezes mencionados nos artigos, incluindo-se, dessa forma, questões comportamentais, panorama político, cultural e econômico do período. Com a possibilidade de oferecer posteriormente a venda de assinaturas, possibilitou a circulação do jornal por diversos estados do país.

O conselho editorial do Mulherio era composto por profissionais com grande destaque em suas áreas de atuação e no movimento feminista no Brasil. Alguns nomes como: Fúlvia Rosemberg (responsável e idealizadora do projeto), Adélia Borges (editora), Ruth Cardoso (socióloga), Maria Carneiro da Cunha (antropóloga), Lucia Castello Branco (professora e psicanalista), e ela, Lélia Gonzalez [29].

MULHERIO

Ano II, nº 9, SETEMBRO/OUTUBRO 1982 Cr$ 150,00

Na dança das eleições, caímos no samba da política feminina

Jornal Mulherio, Ano II, nº 9, 1982. [30]

A primeira publicação do jornal já indicava os rumos e o posicionamento político das edições futuras do que se tornaria um dos mais importantes jornais feministas do país – foram publicadas 36 entre os anos de 1981 a 1988 [31]. No editorial de estreia, Adélia Borges, redatora da publicação, apresenta e notifica o porquê do nome Mulherio:

> Mulherio. Quase sempre, a palavra é empregada no sentido pejorativo, associada a histerismo, gritaria, chatice, fofocagem, ou então, "gostosura". Mas qual é a palavra relacionada à mulher que não tem essa conotação? O próprio verbete "mulher" é apresentado no dicionário de forma especial. Segundo o consagrado Aurélio Buarque de Holanda, mulher é: "1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade; 2. Esposa". Em seguida à definição, vêm as mesmas posições usualmente feitas com a palavra: "à toa", "da comédia", "da rua", "da vida", "da zona", "da rótula", "do fado", "errada", "perdida", etc. - todas sinônimo de meretriz. As três exceções. "mulher de César" (de reputação inatacável), "mulher do piolho" (muito teimosa) e a cinematográfica "mulher fatal". Consulte no mesmo dicionário as composições feitas com o verbete "homem": "de ação", "de bem", "de Estado", "de letras", "de negócios", etc.
>
> Mulherio, por sua vez, nada mais é do que "as mulheres" ou "uma grande porção de mulheres". E o que somos, é o que este jornal será. Sim, nós vamos nos assumir como o Mulherio e, em conjunto, pretendemos recuperar a dignidade, a beleza e a força que significam as mulheres reunidas para expor e debater seus problemas. De uma maneira séria e consequente, mas não mal-humorada, sizuda ou dogmática [32]

No número de lançamento, o jornal Mulherio contava com apenas quatro páginas - uma espécie de piloto do projeto. A partir do número 1, a edição deixa de ser um pequeno boletim e assume o formato de um tabloide, com um número de páginas que variava entre 16 a 24 páginas de acordo com cada edição. Nos três primeiros anos de publicação, o jornal Mulherio foi editado e lançado de maneira regular a cada dois meses, com o apoio da Fundação Ford e Fundação Carlos Chagas. Em todo seu período de circulação o jornal foi muito bem sucedido, com repercussões positivas dentro e fora do país. Contudo, a partir da edição de número 15, com o fim do financiamento da Fundação Ford, o jornal Mulherio entra num período de incertezas, acarretando sua interrupção durante o período de sete meses [33].

No retorno, há muitas mudanças, inclusive no corpo editorial. Lélia Gonzalez, assim como as suas companheiras que deram início à publicação, deixa o Jornal Mulherio. Entre 1981 e 1984, período em que foi colaboradora e editora do jornal, Lélia publicou alguns artigos abordando questões como a discriminação racial, o processo de marginalização sofrido pelas mulheres negras na sociedade brasileira, o emprego doméstico e suas raízes históricas, temas até então pouco debatidos dentro do movimento feminista.

Sem o apoio da fundação norte-americana, o Mulherio ainda foi editado e publicado por mais quatro anos. A falta de recursos e parcerias inviabilizou a continuidade do projeto, que chegou ao fim em 1988 [34].

Conclusões

O Jornal Mulherio foi uma das publicações mais importantes do movimento feminista brasileiro. Notamos que a entrada de Lélia Gonzalez ao projeto, reflete diretamente no desenho editorial, pois através de seus artigos, ela pauta a necessidade de um feminismo plural, de modo que as especificidades e reivindicações das mulheres negras pudessem ser discutidas e asseguradas não apenas no periódico, mas na sociedade como um todo [35].

Lélia Gonzalez em toda sua trajetória dentro e fora da academia buscou descolonizar a letra e o feminismo. Em seus artigos no Jornal Mulherio, notamos que autora se utiliza de uma estrutura linguística que confronta o paradigma dominante. Lélia, em alguns textos, recorre a uma linguagem considerada fora do modelo acadêmico vigente, ou seja, sem obediência às regras da gramática normativa e convencional. Com isso, a autora reivindica prestígio mais que merecido para a fala das camadas populares, dando-lhe o status de importância semelhante ao da linguagem formal [36]. Lélia, ao subverter a estrutura da língua através do uso do que ela nominava como "pretoguês" nos força a rever a problemática que reflete o legado linguístico de culturas escravizadas que ainda nos dias atuais apresenta seus efeitos [37]. Dessa forma, também reconhece e problematiza a violência simbólica sofrida em diversos aspectos pelos negros oriundos das periferias ainda nos dias atuais.

Referências Bibliográficas:

1. FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Edufba, 2008.

2. GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No. 92/93, 1988.

3. RATTS, Alex & RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.55

4. JAGUAR. Lélia Gonzalez. **O Pasquim.** São Paulo, n. 871, p. 8-10.

5. VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990).** Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006, p.49.

6. GONZALEZ, Lélia & HASENBALG Carlos. **Lugar de Negro.** Editora Marco Zero, 1982.

7. GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil**. Rio de Janeiro, 1987.

8. CARDOSO, Claúdia Pons**. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras.** Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012, p. 113.

9. FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Edufba, 2008, p. 87.

10. SANTOS, Luana Dias. **Por um Feminismo Plural: escritos de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio**, 2013.

11. GONZALEZ, Lélia & HASENBALG Carlos. **Lugar de Negro.** Editora Marco Zero, 1982.

12. GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil**. Rio de Janeiro, 1987.

13. RATTS, Alex & RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.72.

14. PEREIRA, Carlos Alberto M.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Patrulhas ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 202.

15. GONZALEZ, Lélia. **A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social.** ***Raça e Classe***, Brasília, ano 2, n. 5, p. 2, nov./dez. 1988d.

16. RATTS, Alex & RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.73.

17. *Idem. Ibidem.* p.75.

18. VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970-1990).** Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006, p.57.

19. GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra Afrodiáspora.** Rio de Janeiro, Ipeafro, v.3, n.6/7, 1985, p.94.

20. RATTS, Alex & RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.97.

21. *Idem. Ibidem.* p.98.

22. BAIRROS, Luiza. "Lembrando Lélia Gonzalez". In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** Rio de Janeiro: Pallas; Criola; Global Exchange, 2006. p. 42.

23. *Idem. Ibidem.* p.61.

24. BORGES, Rosane. **Sueli Carneiro**. São Paulo: Selo Negro, 2009 (Coleção Retratos do Brasil Negro).

25. SANTOS, Luana Dias. **Por um Feminismo Plural: escritos de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio**, 2013. p. 09.

26. GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. **Mulherio**, São Paulo, ano I, no 3, 1981, p. 8.

27. GONZALEZ, Lélia. **Entrevista Lélia Gonzalez.** Jornal Movimento Negro Unificado, 1991.

28. SANTOS, Luana Dias. **Por um Feminismo Plural: escritos de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio**, 2013. p. 07.

29. *Idem. Ibidem.* p.08.

30. Jornal **Mulherio**, Ano II, nº 9, 1982.

31. SANTOS, Luana Dias. **Por um Feminismo Plural: escritos de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio**, 2013. p. 08.

32. BORGES, Adélia. Por que Mulherio?. **Mulherio**. São Paulo, ano I, nº 0, março/abril de 1981, p. 1.

33. SANTOS, Luana Dias. **Por um Feminismo Plural: escritos de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio**, 2013, p. 06.

34. *Idem. Ibidem.* p.07.

35. CARDOSO, Elizabeth da Penha. **Imprensa feminista brasileira pós-74**. Dissertação de Mestrado em Jornalismo. Escola de Comunicação e Artes, USP, 2004, p.20.

36. GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. **Mulherio**, São Paulo, ano I, no 3, 1981, p. 4.

37. GONZALEZ, Lélia. **"Racismo e sexismo na cultura brasileira".** In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, 1983.